



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
PETGeo
INFORMATIVO



Editorial

Julho é um mês de férias e descanso para a maioria dos acadêmicos, mas não para muitos bolsistas da FAED, os petianos da geografia estão entre os que continuam suas atividades, agora bem mais aliviados pelo encerramento do semestre. O final do mês passado foi marcado principalmente pela aplicação do projeto Cartografia para Crianças, que foi aplicado na Escola Leonor de Barros. Agora os petianos se preparam para o ENAPET, o encontro nacional dos grupos PET, que será realizado entre os dias 23 e 27 de julho em São Luís do Maranhão.

Grupo PET-Geografia FAED/UDESC

PetGeo FAED/UDESC

Expediente:

Bolsistas: Ana Paula Esnidei Pereira, Carolina Datria Schulze, Jéssica Gerente, João Daniel Barbosa Martins, Laura Dias Prestes, Leonardo Lenzi Barbosa, Marcela Gonçalves Werutsky, Maria Carolina Soares, Michelle Martins de Oliveira, Raphael Meira Knabben, Rudney da Silva e Samuel Bastos Bracagioli.

Edição: Raphael Meira Knabben

Revisão: Grupo PET-Geografia

Impresso pelo Grupo PET-Geografia FAED/UDESC, em tamanho A4, fonte Times New Roman.

Sugestões, reclamações, convites, opiniões: petgeopress@gmail.com

Nessa edição:**Página**

Até que ponto as teorias européias produzidas entre meados do século XIX e início do século XX influenciaram nas transformações do Brasil em tal contexto e até que ponto estas eram realmente condizentes à realidade brasileira?.....	02
Relato: Projeto Cartografia para Crianças.....	09
Relato: 1º Ciclo de Palestras em Políticas Públicas e Educação NEPP-PET.....	10
PET Indica.....	11
Eventos.....	12

Até que ponto as teorias europeias produzidas entre meados do século XIX e início do século XX influenciaram nas transformações do Brasil em tal contexto e até que ponto estas eram realmente condizentes à realidade brasileira?

Mariane Júlia dos Santos, graduanda do curso de História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

O presente ensaio tem a pretensão de enfatizar o tumultuado processo de “revolução urbana” ocorrido em todo o mundo ocidental a partir de meados do século XIX até aproximadamente a década de 1930.

Tal processo, tendo ocorrido primeiramente em território europeu, tendo como países precursores Inglaterra e França, sendo esses, precursores também da Revolução Industrial e considerados modelo de modernidade em tal contexto. Essa “revolução” espalhou-se a diversos outros países, inclusive ao Brasil o qual é o foco a ser abordado neste ensaio acadêmico.

Analisar-se-á então, a influência das doutrinas positivistas, darwinistas e naturalistas provenientes da Europa em território brasileiro. Dentre essas influências, destacar - se - á o processo de reformulação do espaço urbano das cidades brasileiras, as políticas de branqueamento da população e a medicalização da população imposta pela Medicina Legal.

Todas essas transformações ocorridas no Brasil, por influencia de uma produção de conhecimento em demasiado eurocêntrica, que logicamente pouco se inseria na realidade de nosso país nesse contexto do Brasil republicano, repercutiram em uma drástica transformação do conhecimento, do comportamento e do imaginário coletivo da população brasileira, tanto no contexto em que ocorreram tais transformações, quanto suas consequências á longo prazo que contribuíram para moldar a sociedade brasileira em seus valores, comportamentos e em sua divisão social, tal como observamos atualmente.

Pretendo então, abordar o desenrolar desses processos em território brasileiro, pautando - me em produções textuais que abordam e repensa tal período vivido por nosso país, bem como questionam até que ponto essas políticas externas eram compatíveis ás realidades nacionais desse período.

A questão é como e porque ocorreram tais influencias externas nesse contexto e que valores provenientes desse processo histórico se fundamentaram na sociedade brasileira a longo prazo? Enfim, quais consequências de toda essa transformação em nosso país?

Sofrendo uma série de importantes mudanças sociais, como o fim do Regime Monárquico e início do Regime Republicano e o enfraquecimento do Regime escravista, principalmente com a lei do ventre livre, estabelecida em 1871 que comprometera a escravidão e conseqüentemente a fizera caminhar para o fim após quatrocentos anos de imersão nesse regime, bem como com o tumulto causado pelas diversas revoltas ocorridas no país no decorrer do tumultuado século XIX, a nação Brasileira necessitava de uma identidade, de uma autenticidade.

A implementação da Monarquia buscava uma identidade fixa e oficial para o Brasil, certamente com o intuito de autenticar o novo modelo econômico e social que estava sendo implementado. Buscava - se libertar a nação brasileira de certas amarras do império que era considerado sinônimo de atraso. Deveria implantar-se a modernidade.

Nesse período, uma elite econômica nacional forma um grupo de intelectuais com um perfil bastante homogêneo. Uma elite muitas vezes ligada á política do café com leite com vigente influencia sócio econômica nesse contexto. Essa elite, detentora de um conhecimento específico cuja maior parte da população não possuía acesso, utilizou - se das produções científicas produzidas e divulgadas no exterior para seu benefício no forjamento de uma nação que estivesse compatível com o novo modelo político e as transformações que se inseriam no contexto socioeconômico brasileiro.

“Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. Para além dos problemas mais prementes, relativos á instituição da mão de obra ou mesmo á conservação de uma hierarquia social bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania.”
(Schuarcz, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: O Espetáculo da Miscigenação. p.18)

Nesse contexto, a ciência foi progressivamente aplicada e transmitida á população. As antigas relações que a sociedade entretinha com a doença se modernizaram. Houve toda uma mudança em relação ás doenças e a maneira como eram encaradas perante o governo e a sociedade de um modo geral. Doenças antes negligenciadas eram tratadas agora como sérios problemas a serem banidos dessa sociedade que se idealizava. Houve uma crescente intervenção do Estado na sociedade por meio de campanhas de profilaxia, inspeções sanitárias e implantação de reformas urbanas. Era implantada uma nova definição da saúde e da doença. Toda essa mudança ocorria aos poucos, progressivamente em diversas cidades do país, visando principalmente ás cidades de maior influencia e poderio como as capitais, que tinham por objetivo com todas essas mudanças arquitetônicas, sanitárias, comportamentais, tornarem-se metrópoles dignas de comparação ás metrópoles europeias.

Esse modelo de metrópole aí estabelecido baseava-se nas reformas ocorridas a partir de meados do século XIX nos países europeus que vivenciavam a modernidade consequente da Segunda Revolução Industrial. O desenho urbano do século XIX era fruto da modernidade e resultaria em uma áspera demarcação entre o interior e o exterior, o público e o privado. O centro urbano deixava de ser um lugar de moradia para abrigar o centro econômico das cidades. Grande consequência disso será o separatismo social dentro das cidades ocorrido em tal contexto, tanto em outros países, como no Brasil.

“Os responsáveis pelos projetos urbanísticos e arquitetônicos no século XIX procuraram criar cidades saudáveis de acordo com o modelo de um corpo saudável.” (Sennet, Richard. Carne e Pedra – O corpo e a cidade na civilização ocidental, p.279)

Esse processo resultará numa maior desigualdade social, já que em tal modelo urbano as populações menos abastadas foram sendo deslocadas às margens das cidades que agora seriam ocupadas por grandes projetos arquitetônicos que deteriam o poder sócio econômico da cidade. Residir ao centro da cidade, desde então, torna-se algo exclusivamente das classes mais abastadas, como ocorre até os dias atuais. Em nome do saneamento, essa população foi sendo progressivamente excluída de alguns espaços da cidade. A formação da concentração de populações pobres, o que será chamado posteriormente de “favelas” e que compõem a

realidade das metrópoles atualmente, é o resultado de tais processos de urbanização e saneamento da cidade no fim do século XIX.

A necessidade do “branqueamento da raça”, baseando-se num modelo classificatório de ser humano que retratava uma evolução entre as espécies, primeiramente divulgado por Charles Linné em seu livro *Systema naturae*, torna-se vigente nessa sociedade que se forja. A definição das sociedades europeias como sendo de raça pura e superior às demais, despertava em outros países, inclusive no Brasil uma necessidade de se igualar ao modelo europeu. Esse almejo pelo branqueamento da raça resultará na intervenção da Medicina Legal no Brasil, cujo precursor a nível nacional fora Afrânio Peixoto. O grupo de médicos legistas, os quais eram pertencentes a uma elite intelectual, possuíam uma ampla atuação perante o Estado. Essa ampla atuação resultara em uma política de branqueamento da população, bem como da saúde mental e física da prole desta nação que se forjava. A medicalização do corpo, abordando especificamente o debate da sexualidade nas primeiras décadas do século XX em manuais disponíveis a essa população que está sendo moldada, é o resultado da interferência da Medicina Legal na sociedade brasileira desse período.

Há uma necessidade do embelezamento da raça brasileira, de sua purificação. A necessidade de se definir “que país é este” levava a uma luta de combate à miscigenação no Brasil, a qual estava num grau bastante elevado. O Brasil era incontestavelmente um país de população miscigenada. A hibridação das raças significava nesse contexto um tumulto, pois em uma sociedade agora republicana, que necessitava definir-se, autenticar-se, o processo de miscigenação acelerada a que estava imersa punha essa definição cada vez mais distante da realidade.

“(…) interessante é refletirmos sobre a originalidade do pensamento racial brasileiro que, em seu esforço de adaptação, atualizou o que combinava e descartou o que de certa forma era problemático para a construção de um argumento social no país.” (Schuarcz, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: O espetáculo da miscigenação*, p.19.)

O Brasil republicano deveria livra-se dos vícios de sua história, dentre esses os vícios sexuais de uma sociedade que acabou por tornar-se impura. A necessidade de uma reforma na cultura brasileira advinha da necessidade de corrigir os comportamentos e hábitos e criar novos hábitos “saudáveis” entre essa população. Aí então, é inserida a medicalização do sexo e a profilaxia do casamento, que tinham por finalidade o forjamento de uma nação de raça pura, regrada á bons hábitos e gerando uma prole de corpo e mente saudável. A tarefa do médico nesse contexto era evitar os desvios sexuais, ou seja, toda cópula que transgredisse a condição natural e pusesse assim o futuro da nação em risco.

“Em que lugar político articula-se a Medicina Legal com o direito de tematizar as funções do corpo, e produzir saberes calcados em valores e comportamentos? O estudo da morfologia do corpo e da profilaxia do sexo, nas primeiras décadas do século XIX, no Brasil, liga-se ás estratégias implementadas pelos médicos, engajados no projeto político/nacional de definição e embelezamento da raça. O método seria pelo controle da sexualidade; pelo tratamento do sexo “degenerado”; pela seleção conjugal através da criação de leis restritivas que impedissem os casamentos indesejáveis, pela exigência de exames de sanidade dos nubentes; enfim, pela profilaxia do casamento. ”(Flores, Bernadete Ramos. Medicalização do sexo ou fisiologia do prazer, p.244, 245.)

Ao analisar o conjunto da produção de teorias no Brasil, os comentaristas atuais pautaram-se mais pela forma do que pelo conteúdo das obras, chegando à conclusão de que esses autores fariam parte de uma “pré-história das ciências sociais”. Teóricos e escolas anteriores á instalação das universidades no Brasil foram vistos como criadores de cópias inautênticas, reprodutores de modelos que se refeririam a realidades diferentes da nossa.

Até que ponto essas produções teóricas externas e esse novo modelo social e urbanista criado na Europa e difundido pelo mundo realmente cabia á realidade brasileira nesse contexto?

Para o historiador Nelson Werneck Sodré as teorias raciais deterministas estavam intimamente ligadas ao imperialismo europeu e sendo assim, visavam o domínio desse continente sobre as populações de outros continentes a que estavam dominando e explorando. Para ele, o uso de tais modelos teóricos no Brasil vinculou – se muito mais ás influencias externas do que ás solicitações do ambiente nacional, sendo assim o resultado de um processo europeu e de suas influencias. Sendo assim o Brasil perdia sua originalidade em tal processo por tê-lo copiado dos europeus.

Dante Moreira Leite afirma que “as teorias raciais aqui empregadas seriam um reflexo das doutrinas utilizadas pelos ideólogos do imperialismo, justificando o domínio europeu sobre os demais povos”. Entende-se então, a adoção de tais doutrinas somente a partir da capacidade dos interlocutores da época, como se o ambiente local não possuísse maturidade suficiente para nada além da mera repetição.

Segundo João Cruz Costa, ao estudar a evolução e a filosofia no Brasil este pode perceber “a longa e variada importação de ideias e doutrinas contraditórias que viemos fazendo no decorrer de nossa história”. Penso que tais teorias criadas no contexto europeu realmente não serviriam para serem adaptadas ao Brasil. Um país após séculos de escravidão recebendo africanos de diversas etnias, com uma população nativa indígena, tendo sido colonizado primeiramente (principalmente) por portugueses estava tão miscigenado que era inviável tornar essa população em uma “única raça”.

Mesmo com as grandes demandas de colonizadores europeus a chegarem ao Brasil neste contexto, certamente a miscigenação seria quase que inevitável e o branqueamento da “raça” algo bastante distante. Em sua essência o Brasil nunca foi “branco”, levando-se em consideração que tanto antes da chegada dos europeus, quanto depois nunca fora composto por uma só etnia.

Sendo o Brasil uma ex-colônia portuguesa, ainda sofrendo as consequências de tal submissão no que se notava pelo baixo desenvolvimento sócio econômico brasileiro e ainda nenhum envolvimento com o setor industrial, é até contraditório que o Brasil apoiasse tais teorias e se posicionasse como se sua realidade se aproximasse da realidade europeia. Como a ex-colônia que tanto se orgulhava de sua libertação por parte de Portugal apoiava tais ideias

que serviam exclusivamente para o processo de domínio dos países europeus sobre suas colônias, às quais ficariam á mercê do domínio das metrópoles europeias como havia ocorrido com o Brasil?

O que ocorrera nesse contexto e vem ocorrendo na história de nosso país é que parece haver uma necessidade por parte do Brasil de utilizar os modelos estrangeiros, em sua maioria europeus, e atualmente também os norte-americanos como se o Brasil fosse incapaz de produzir suas teorias, seus conhecimentos, como se fosse desprovido de originalidade. Até quando seremos copistas e deixaremos de utilizar nossa capacidade de criação, de originalidade? Isso parece ser o resultado de uma baixa autoestima, uma ausência de orgulho nacional.

Essas teorias e os processos a que elas acarretaram certamente deixaram marcas na nação brasileira que parecem estar impregnadas nesta. Se não fosse o reestruturalismo urbano e as políticas de saneamento nosso conceito de higiene e de organização social seria bastante diferente do que temos atualmente. Esse processo induziu nossa sociedade á um modelo burguês em suas casas, vestimentas e comportamento que permanecem até hoje. Porém, certamente as políticas de branqueamento da população e a medicalização do sexo tornaram a sociedade brasileira mais propensa a ser carregada de preconceitos, racialismos e tabus sexuais difíceis de serem quebrados, pois parecem estar impregnados na memória nacional.

Referências Bibliográficas:

SCHUARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp.11-66.

FLORES, Bernadete Ramos. Medicalização do sexo ou fisiologia do prazer.

HERNANDEZ, Leila Leite. A África na sala de aula: Visita á História Contemporânea. – São Paulo: Selo Negro, 2005.

SENNETT, Richard. 1943 – Carne e pedra/ Richard Sennett; Tradução de Marcos Aarão Reis – Rio de Janeiro: Record, 2001.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. Fronteiras internas: Urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20.

Relato: Oficina de Cartografia de Crianças

Por Carolina Datria Schulze, João Daniel Barbosa Martins e Marcela Gonçalves Werutsky

Nas duas últimas semanas do mês de Junho aconteceu a primeira edição do projeto extensão criado pelo grupo este ano, batizado “Cartografia para Crianças”. O projeto, que tem como objetivo despertar o interesse das crianças pra a ciência cartográfica através da participação no concurso nacional de cartografia para crianças, foi aplicado na Escola Estadual Básica Leonor de Barros em Florianópolis, e contou com a participação de alunos de 5ª, 6ª e 8ª séries do ensino fundamental. As atividades foram desenvolvidas em oficinas com duração total de 8 horas/aula, onde os bolsistas do PET se utilizaram de recursos com apresentações, textos, imagens e vídeos para que as crianças não somente adquirissem uma fundamentação teórica acerca do tema, mas também a fim de estimular a criatividade e despertar o interesse das crianças para ciência cartográfica.

O primeiro encontro começou com uma apresentação com noções básicas sobre a confecção de mapas e conceitos básicos de cartografia, e logo após foi feita a leitura conjunta de um texto sobre o mesmo assunto. Os alunos então realizaram uma atividade onde foi necessário aplicar na prática o conceito de escala geográfica, através da ampliação em escala de uma rosa dos ventos. Ainda no mesmo dia, as crianças criaram mapas mentais com o tema do concurso, “O meu lugar no mundo”, para auxiliar na assimilação do tema e definição do que eles iriam desenhar no próximo encontro. Para finalizar o dia todos assistiram a 4 vídeos curtos que mostraram outras visões de mundo, através da perspectiva de seus autores, e em seguida os alunos tiveram como tarefa escrever um texto de 20 linhas tomando como ponto de partida a pergunta “qual é o meu lugar no mundo”.

No segundo encontro lembramos as crianças os conceitos trabalhados na aula anterior, logo após entregamos folhas em braço para que os alunos pudessem fazer o seu desenho baseado no texto que escreveram sobre “o meu lugar no mundo”. A maioria dos alunos apresentou dificuldade em como elaborar um desenho com conceitos de cartografia visando o tema proposto. Após a entrega dos desenhos, foi entregue uma atividade para os alunos responderem sobre tudo o que foi trabalhado durante o projeto e em seguida eles responderam a avaliação. A última atividade foi a realização de um mapa mental numa cartolina em grupo.

Os encontros com as turmas de 5ª e 6ª série foram tranquilos. Havia cerca de 20 alunos em cada turma e foi possível despertar a curiosidade e a atenção dos alunos com certa facilidade. Nos encontros com a 8ª série, contudo, poucos alunos sentiram-se interessados no conteúdo proposto. No primeiro dia havia 15 alunos em sala e no segundo apenas 6. Foi possível notar o desinteresse nos alunos como um todo, talvez por herança das dificuldades que a educação vem enfrentando. Ao fim de todos os encontros, os petianos escolheram três desenhos para serem enviados para o Concurso Nacional de Cartografia para Crianças. Em reunião foi discutido entre os petianos que faltou tempo para explicar melhor os conceitos da cartografia e desenvolver atividades que despertasse o tema abordado na imaginação dos alunos.



Relato

1º Ciclo de Palestras de Políticas em Públicas e Educação NEPP-PET

Por Michelle Martins de Oliveira

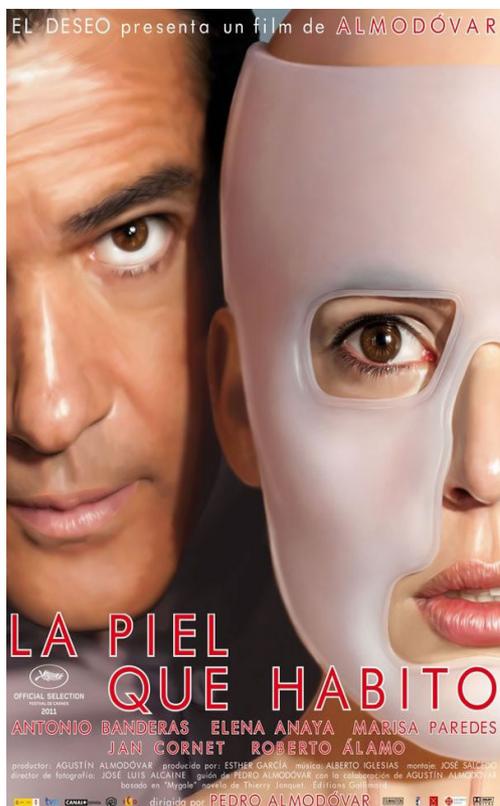
O Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP) e o Programa de Educação Tutorial – PET Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) promoveram no dia 11 de junho de 2012 o primeiro Ciclo de Palestras em Políticas Públicas e Educação. Os palestrantes foram os professores Francisco Canella, do Centro de Ciências Humanas e da Educação (Faed/Udesc), Jéferson Silveira Dantas, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O professor Francisco Canella abordou sua tese, intitulada “Entre o local e a cidade: memórias e experiências de duas gerações de moradores da periferia urbana em Florianópolis (1990 - 2010)” e o professor Jéferson Silveira Dantas apresentou a tese “Espaços coletivos de esperança: a experiência política e pedagógica da Comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz em Florianópolis/SC”.

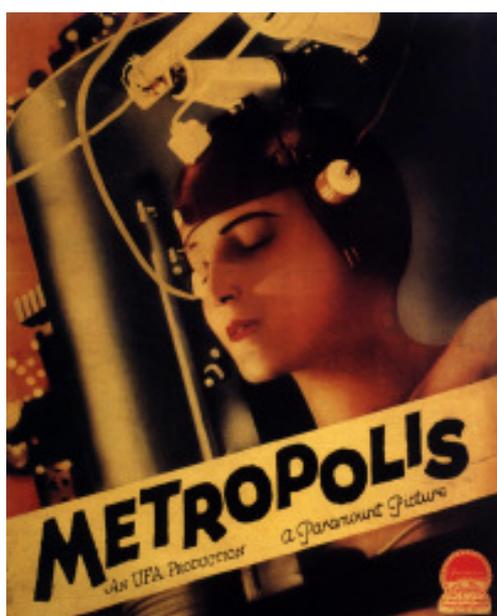
Após a exposição das teses houve um diálogo em forma de questionamentos centrados na discussão pedagógica, pois o público majoritariamente era de acadêmicos da licenciatura da Geografia. Entre questões sobre a eficácia do trabalho de ensino-aprendizagem no Fórum do Maciço do Morro da Cruz abordou-se a permanência do Fórum enquanto força de ação política, mais do que efetivamente institucionalizada.

PET-Indica

Por Raphael Meira Knabben



A Pele que Habito: Roberto Ledgard (Antonio Banderas) é um conceituado cirurgião plástico, que vive com a filha Norma (Bianca Suárez). Ela possui problemas psicológicos causados pela morte da mãe, que teve o corpo inteiramente queimado após um acidente de carro e, ao ver sua imagem refletida na janela, se suicidou. O médico de Norma acredita que esteja na hora dela tentar a socialização com outras pessoas e, com isso, incentiva que Roberto a leve para sair. Pai e filha vão juntos a um casamento, onde ela conhece Vicente (Jan Cornet). Eles vão até o jardim da mansão, onde Vicente a estupra. A situação gera um grande trauma em Norma, que passa a acreditar que seu pai a violentou, já que foi ele quem a encontrou desacordada. A partir de então Roberto elabora um plano para se vingar do estuprador. O filme traz questões importantes quanto à transexualidade e a identidade de gênero.



Metrópolis (título original: Metropolis) é um filme alemão de ficção científica produzido em 1927, realizado pelo cineasta austríaco Fritz Lang. Foi, à época, a mais cara produção até então filmada na Europa, e é considerado por especialistas um dos grandes expoentes do expressionismo alemão. O roteiro, baseado em romance de Thea von Harbou, foi escrito por ela, em parceria com Lang. Em 2008 foram reencontrados, na Argentina, 30 minutos de metragem deste clássico. Tal parte será restaurada e acrescentada à versão conhecida. Na Berlinale 2010, o filme teve, 83 anos depois, a sua segunda estreia mundial.

Eventos

15ª Conferência do International Planning History Society (IPHS)

Data: 15 a 18 de julho de 2012

Local: São Paulo/SP

Informações: <http://www.fau.usp.br/15-iphs-conference-sao-paulo-2012/>

4ª Reunião Anual da SBPC

Data: 22 a 27 de julho de 2012

Local: Universidade Federal do Maranhão - São Luís/MA

Informações: <http://www.sbpcnet.org.br/saoluis/home/>

XVII Encontro Nacional de Geógrafos

Data: 22 a 28 de julho de 2012

Local: Universidade Federal de Minas Gerais – Campus Pampulha - Belo Horizonte/MG

Informações: <http://www.eng2012.org.br/>

XVII Encontro Nacional dos Grupos PET

Data: 23 a 27 de julho de 2012

Local: Universidade Federal do Maranhão – São Luís/MA

Informações: <http://www.enapet2012.ufma.br/>

2º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA AMBIENTAL E MIGRAÇÕES

Data: 17 a 19 de setembro de 2012

Local: Universidade Federal de Santa Catarina

Informações: <http://www.labimha.ufsc.br/2simposio>